



*Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser*

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

[www.inhauser.com.br](http://www.inhauser.com.br) / [marcos@inhauser.com.br](mailto:marcos@inhauser.com.br)

[www.pastoralia.com.br](http://www.pastoralia.com.br)

## TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

### O SUCATEAMENTO DO CORPO

**Marcos Roberto Inhauser**

Estava na casa de um amigo em Chicago. Ele tem um pequeno comércio de troféus e placas de reconhecimento. Para montar as peças precisa de gente com habilidades manuais. Como já tem este negócio há muitos anos, ele me dizia que cada vez está mais difícil encontrar trabalhadores que queiram usar o corpo ou que tenham habilidades manuais para tarefas como esta. Estendendo seu raciocínio para outras áreas, constatava que está cada vez mais difícil encontrar carpinteiros, marceneiros, encanadores, eletricitistas, pintores, pedreiros. E concluía: a nova geração só quer trabalhar usando os dedos e a cabeça, sentados na frente de um computador.

Ele me fez lembrar o italiano Domenico di Masi que, no seu livro “O ócio criativo”, chama a atenção para o fato de que estamos nos tornando uma geração que usa o cérebro para viver. Se antigamente as pessoas dependiam do seu corpo e das habilidades manuais para produzir, isto está cada vez mais ficando de lado. Estamos usando menos o corpo para trabalhar.

Não é para menos que tenham proliferado as academias e os spas. Quando o corpo não é solicitado diariamente no trabalho, há a necessidade de exercitá-lo de outras formas. E assim, o corpo produtivo passou a ceder lugar para o corpo estético, porque, ao não usá-lo prioritariamente no trabalho, o que se vê é a preocupação estética, a beleza das formas de um corpo malhado. Academia e spas são coisas inimagináveis há algumas poucas décadas.

Por outro lado, nunca se comeu tanta tranqueira e veneno para o corpo. No afã de fazer as coisas o mais depressa possível, atropelou-se a liturgia da mesa, aquele tempo sagrado de sentar e desfrutar da comida. De algo feito para dar prazer e renovar energias, passou-se às filas dos fast-food, com seus gordurosos e massificados produtos. A individualidade do tempero, a arte de cozinhar e desfrutar foram substituídas pela violência de um hambúrguer: algo que se é forçado a comer, que não dá nenhum prazer e que acaba mais envenenando o corpo que alimentando.

Mas há nisto uma outra dimensão que me tem chamado a atenção. Há algum tempo, as igrejas com suas missas e cultos privilegiavam a cabeça do fiel. O fiel era instado a repetir certas frases e a entender a mensagem. Privilegiava-se o intelecto, quando a sociedade produtiva exigia o corpo.

No momento em que se exige o intelecto nos mecanismos de produção, a religião passa a privilegiar o corpo com seus cultos e missas. Os cultos pentecostais, carismáticos e neopentecostais se constituem em atos onde o corpo é mais solicitado que a mente. Para a quase totalidade destes, pensar a fé é pecado, perguntar é blasfêmia e duvidar é condenação. Mede-se a espiritualidade pelo agito dos corpos nos cultos: pela dança, pelos aplausos, pelos saltos, etc.

E com isto vem a pergunta: isto é o equilíbrio em uma sociedade produtiva que não mais precisa do corpo ou é alienação? Ou certos cultos e missas se transformaram em aeróbica evangélica? É culto ou academia? É missa ou diversão?

